

Uma precursora nos estudos da arte funerária no Brasil: entrevista com Maria Elizia Borges

A pioneer in the study of funerary art in Brazil: interview with Maria Elizia Borges

Una pionera en el estudio del arte funerario en Brasil: entrevista con Maria Elizia Borges

Frederico Tadeu Gondim¹

 [0000-0003-1223-7825](https://orcid.org/0000-0003-1223-7825)

Maristela Carneiro²

 [0000-0002-6335-7379](https://orcid.org/0000-0002-6335-7379)

Maria Elizia Borges, graduada em Artes Visuais pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) em 1973, mestra em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) em 1983 e doutora em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (Usp) em 1991, é uma referência fundamental para o campo dos estudos da arte cemiterial brasileira. Além de figurar frequentemente nas listas de bibliografias centrais sobre o tema, seu trabalho, que abarca décadas de atuação como educadora e historiadora da arte, inspirou e abriu caminho para uma grande variedade de pesquisas que exploram a intrigante e peculiar intersecção entre a finitude e a celebração dos mortos.

O assunto, cabe ressaltar, mesmo após tantas incursões acadêmicas e reflexões artísticas e religiosas, por exemplo, ainda é tabu para muitos. Tratar ostensivamente de qualquer questão em torno da morte e do morrer é algo que choca muitas sensibilidades. Isto torna os esforços empreendidos por Maria Elizia Borges louváveis e exemplares ao tratarmos de estudos cemiteriais e arte funerária.

Desde 1996, a pesquisadora é docente vinculada à Universidade Federal de Goiás, inicialmente junto à Faculdade de Artes Visuais e ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e, desde 2004, à Faculdade de História e ao Programa de Pós-Graduação em História. Na confluência desses campos do conhecimento, Maria Elizia produz em formatos diversos: livros, artigos acadêmicos, capítulos, catálogos, *folders* e verbetes. Ao longo de sua

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás - UFG. Lattes: [9126530307046079](https://lattes.cnpq.br/9126530307046079) - E-mail: fredericotdg@gmail.com.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação e Artes e Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea ambos da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Lattes: [8461204091007488](https://lattes.cnpq.br/8461204091007488) - E-mail: maristelacarneiro86@gmail.com.



trajetória acadêmica, orientou mais de 15 teses de doutorado e 20 dissertações de mestrado, além de várias monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso. Ademais, ações como o *website Arte Funerária Brasil*³ e seu livro *Um passeio pelos cemitérios do Brasil* (2022)⁴, que conta com estética e linguagem acessíveis ao público infantil, buscam despertar o interesse sobre o tema em mais pessoas, reforçando seu compromisso com os pilares acadêmicos da pesquisa, educação e extensão.

Entrevista

Entrevistadores: Primeiramente gostaríamos de agradecer a disponibilidade para conversar conosco. Vimos que você concedeu uma entrevista para a historiadora e pesquisadora cemiterial Alcineia dos Santos em 2013⁵. Naquela entrevista você comentou que os pesquisadores da história da morte e dos estudos cemiteriais ainda tentavam uma desmistificação do tema. Como você vê atualmente a recepção desse tema da morte pela academia? Você sente que, nesse intervalo de mais de 10 anos, mudou alguma coisa, ou ainda existe uma resistência?

Maria Elizia Borges: De 2013 para cá, o que eu sinto é que houve um número maior de pessoas pesquisando a morte e o cemitério. Vejo que está na moda criar guias de visitação que conduzem pessoas por esses espaços. Por outro lado, o covid-19 e a forma como os enterros aconteceram no período – a gente nem podia ir ao enterro – me fazem pensar sobre como trabalhamos esse conceito de “morte”, essa morte moderna. Tivemos, de uma maneira geral, muitas pessoas escrevendo sobre a morte, que passou a ser um chamariz. As pessoas começaram a questionar mais, a entender melhor o conceito de morte por vários autores, de tal maneira que a gente assumisse essa perda. Os cemitérios também tiveram que ser ampliados, o modo de construir o túmulo começou a ser muito mais simples e rápido, e os familiares não podiam mais dar sua opinião. Vocês lembram que, em Manaus, por exemplo, teve uma quantidade muito grande de mortes pela covid-19. Então os familiares não tiveram como participar do ritual fúnebre, da despedida, e isso daí deixou sequelas muito grandes

³ Disponível em: <https://www.artefunerariabrasil.com.br/>

⁴ Ver: Borges (2022).

⁵ Ver: Santos (2013).



para a sociedade. O que a gente vê hoje, depois desse período muito complicado, é que vários estudiosos – arqueólogos, arquitetos, historiadores, historiadores da arte, pessoal do Turismo, da Comunicação – que fizeram ou estão fazendo pesquisas sobre cemitérios em cidades grandes, médias, e até pequenas, resolveram criar esses guias de visita; mostrar o que é um cemitério, o que é uma obra de arte, quem está enterrado lá. Esse espaço que não era, vamos dizer, tão visível, hoje passa a ser. As condutas para se levar ao cemitério e os métodos de guia são os mais variados, tudo depende da profissão de quem conduz a visita, e o reconhecimento que faz desse espaço. Mas ainda tenho algumas dúvidas: até que ponto esse turista está lá para adquirir um conhecimento, seja artístico ou da história de vida das pessoas ali enterradas? Até que ponto ele está ali só por curiosidade? Conheço os procedimentos dos guias, mas é dessa recepção – como o turista traz isso para a vida dele – que ainda não tenho muita noção.

E: De certa forma, já entra na segunda pergunta que faríamos, com relação às pesquisas que você tem desenvolvido.

MEB: Estou fazendo atualmente um artigo para o Comitê Brasileiro de História da Arte, em que vou levantar o que posso encontrar no espaço cemiterial a partir dessa questão do turismo no cemitério. Posso transformar esse espaço em uma aula de História da Arte, mostrando túmulos que remetem à arte egípcia, à arte grega; que remetem ao Romantismo, ao Realismo, ao Neogótico, a partir dos modelos que estão instalados de maneira aleatória nos grandes cemitérios do Brasil. Tem também aqueles cemitérios mais simples, e já existem muitas teses que mostram túmulos no Nordeste, no Norte, em modelos que reforçam características daquela região. Mas antes desse artigo para o Congresso – quero dizer, desde a minha tese de doutorado⁶ até agora –, eu foquei o cemitério de várias maneiras. Em alguns momentos, eu tentava adaptar o meu objeto de pesquisa ao foco e orientações dos congressos. Então, já trabalhei muito com bustos, trabalhei com arte egípcia, trabalhei com... deixa eu pensar aqui... a mulher, os riscadores de pedra, túmulos que identificam a questão familiar. Sempre foco na obra do marmorista ou do escultor para levantar essas questões, porque, como trabalho muito com o período da Primeira República [1889-1930], então, eu caracterizo do

⁶ A tese defendida em 1991, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Usp, deu origem ao livro *Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*, obra bilíngue, atualmente em sua segunda edição. Ver: Borges (2017).



que a burguesia brasileira gostava na época. Por exemplo, anjos, santos – eu tenho até um texto com a Maristela sobre Jesus Cristo⁷. Essas temáticas que fui pontuando e trabalhando me ajudaram a perceber que, dentro daquele “pequeno espaço”, vamos dizer – comparado com uma cidade – uma série de informações nos é dada envolvendo a questão da memória, da família, a questão de como os marmoristas trabalhavam com essas obras, os temas solicitados pelas famílias e assim por diante. Tudo isso está provando para mim o quanto o espaço cemiterial é rico de informações sobre a nossa sociedade.

E: Gostaríamos de te perguntar também com relação à experiência do livro infantil que você escreveu, *Um passeio pelos cemitérios do Brasil* (2022). Como foi a experiência de produzir para um público fora do meio acadêmico?

MEB: Esse livro infantil foi inspirado no exato momento que minha afilhada, na época com sete ou oito anos, chegou para o pai e perguntou o que era “cemitério”. Alguém falou isso para ela? Aí o pai disse pra me procurar: “você tem a tua madrinha que é especialista”. Então a gente foi conversando sobre como uma pessoa visita os cemitérios, quais são os modelos de cemitérios que nós encontramos no transcorrer da vida, desde o mais simples ao mais sofisticado. O Brasil é muito grande, então eu me propus a fazer algumas viagens com ela: a gente foi para São Paulo, Bahia, vários lugares, e, em cada um deles, eu mostrei um modelo de cemitério para ela. Foi uma experiência gratificante, porque ela gostou muito de falar o que ela achava ou não. Eu nem imaginava essa repercussão, porque hoje em dia existe um preconceito dos pais em levar os filhos a um enterro. No momento então que [o livro] abre essa perspectiva da possibilidade do pai e a mãe levarem a criança ao cemitério, mostrarem a ela o que ele representa; escutarem o que elas acham daquelas fotos, daqueles anjos que estão ali, é de uma satisfação muito grande que vai além dessa vivência acadêmica.

E: E sobre o processo de escrita? À medida que você conversava com ela, já redigia o livro, ou primeiro vocês fizeram as viagens?

MEB: Eu comecei a escrever o livro, perguntava para ela, mostrava um trecho, a gente discutia.

⁷ Ver: Borges e Carneiro (2017).



E: Então foi durante as viagens?

MEB: Isso, durante as viagens. Por exemplo, vamos a São Paulo ver o túmulo do Ayrton Senna. Quem é o Ayrton Senna? Ela também não sabia, aí o pai explicou. Então ali tem um conhecimento que vai além do próprio cemitério, e isso foi muito legal para ela. Para mim, também! No final, voltamos para Goiânia, depois de ir até a Bahia, e fomos ao cemitério de cachorros. Por coincidência, a minha funcionária tinha perdido o cachorro, e a criança, vocês sabem, é muito vinculada ao animal. Ela não imaginava que existia um cemitério só de animais. Então, com tudo isso, ela vai adquirindo novos conhecimentos e a abertura aos modelos diferentes, como no caso de Santos [em São Paulo] que tem aquele cemitério vertical, onde o Pelé está enterrado. Ela conheceu o mar, que não conhecia, e esse cemitério que, para ela, também é engraçado, pois parece um prédio.

E: Esse de animais que vocês conheceram, foi onde mesmo?

MEB: Aqui em Goiânia.

E: Não sabíamos da existência desse!

MEB: Tem, tem. Por exemplo, em Florianópolis, os cemitérios animais são numa praça bem no centro.

E: A questão animal, inclusive, é uma das grandes pautas da atualidade⁸. No meio acadêmico, ouvimos bastante agora dos “animais não humanos”, então os estudos cemiteriais são uma oportunidade até mesmo para essas pesquisas.

MEB: Vocês já viram a relação que o humano vem tendo com o animal? Uma relação diferente de antigamente. As pessoas vivem muito sozinhas, e aí elas buscam o animal.

E: É a nova família. Continuando, gostaríamos de perguntar: que memórias marcantes o seu interesse pelos estudos cemiteriais te proporcionou? E aproveitando o gancho, teve algum

⁸ Ressaltamos que, neste dossiê, contribui ao debate o artigo “*Mortes que não importam*”: a omissão do Estado e o uso político da dor animal no ativismo digital brasileiro. Sugerimos também a leitura da recente obra *Animais não humanos: poéticas e devires*, organizada por Maristela Carneiro e Alex Galeno.



cemitério que você gostou mais de conhecer?

MEB: Bom, pesquisar cemitério é um interesse, mas em que momento que eu me deparei com a questão da morte? Coincidentemente, semana passada, fui para minha cidade, Marília [São Paulo]. Saí de lá com oito anos, não conheço mais a cidade, é outra. Mesmo assim, eu quis ir lá, para ver a rua que eu morava. Tenho algumas lembranças daquela época, quando eu nem sonhava que, um dia, fosse pesquisar o cemitério. Mas, por exemplo, tinha uma senhora velhinha, morava em frente à minha casa – ela tinha um moedor de café, Marília fica em uma região rica de café – e essa senhora foi a primeira pessoa que lembro de saber que morreu, porque eu fui ao velório. Ela tinha um filho, e ele tinha uma chácara bem longe – na minha época, a chácara era considerada longe – e a criançada ia lá catar amora quando era época. Essa chácara era perto do cemitério. Na viagem agora, eu fui nesse cemitério outra vez e, é lógico, não tem mais nada a ver com a época de criança. O cemitério hoje é na cidade, não tem mais aquela primeira chácara. Hoje, percebo algumas características dele; por exemplo, existe muita imigração japonesa em Marília, e aí tem muitos túmulos de japoneses. Mas não é mais o cemitério da infância, das primeiras memórias relacionadas à morte. Depois, tive que lidar com essas questões, por exemplo, quando tinha 22 anos, e meu pai morreu. Tive que administrar a questão do velório, enterro, tudo isso sozinha; conviver com esse ritual de como é, como não é, como você tem que resolver tudo. Você não chora, você tem que decidir as coisas. Lembro que, na época, uma amiga minha chegou lá e questionava, “Maria Elizia, você está precisando de dinheiro, alguma coisa?” Isso daí foi uma vivência prática, de ter que lidar com o ritual de morte e com a morte. [Meu pai] já estava doente, então é uma coisa que a gente já estava esperando que poderia acontecer. Também tive outras vivências, mas, quando você já passou por uma experiência, você está mais preparada. Minha irmã também ficou doente, estava mais ou menos previsto. Minha mãe era de idade. Agora, o que assusta muita gente é descobrir que um amigo, uma amiga morreu de repente. Isso daí assusta muito. Como lidar com essa perda abrupta? Eu acho difícil. Embora conheça a literatura sobre morte, mas uma coisa é você conhecer a literatura e usar nos artigos, outra coisa é vivenciar. É diferente.

E: Cemitérios te levaram também para muitas viagens, certo?



MEB: Toda cidade que eu fui, congressos... Comecei a pesquisar e visitar cemitérios do mundo inteiro. Mesmo agora, que eu fui a Marília, visitei, não importa se o cemitério é pequeno, é simples, é grande, eu vou. Sempre tiro proveito de alguma coisa, como esse de Marília, onde percebi que existe um predomínio muito grande dos japoneses, diferente de outros, então você sempre aproveita alguma coisa. Vocês tinham me perguntado qual que eu mais gostei?

E: Isso.

Frederico: Eu lembro que, uma vez, você comentou comigo – e já tem um tempo, não sei se mudou de opinião – sobre um de Zagreb, na Croácia.

MEB: Eu percebo assim: os cemitérios do século XIX, tanto na Europa, no Brasil, como nos Estados Unidos, foram feitos com muita pompa, porque todos eles pertencem a um período histórico dessa burguesia, pessoal mais endinheirado, que fazia questão de projetar no túmulo o poder econômico daquele indivíduo que morreu. E aí, esses cemitérios, automaticamente, acabam tendo toda uma característica de suntuosidade. E tem países que cuidam melhor, tem países que cuidam menos, vamos assim dizer. Tem países que são famosos pelas pessoas que são enterradas. Então, por exemplo, o mundo inteiro já ouviu falar do Père-Lachaise, em Paris. Mas por que o Père-Lachaise? Você chega lá hoje, não tem muita limpeza, cuidado, muitos túmulos estão desgastados por ele ser muito antigo, mas por que ele é famoso? Porque a grande intelectualidade do século XIX, começo do século XX da Europa, foi enterrada lá. Artistas, pessoal da literatura, do teatro, da música. Na Itália, você tem o cemitério de Staglieno, e lá também tinha um pessoal de grande poder aquisitivo, então você tem uma estrutura arquitetônica e túmulos que representam bem todo aquele poderio. Por coincidência, na Itália tem muito escultor que fez túmulos e realizou esculturas funerárias, então, Staglieno tem diversos modelos interessantes. Quando fui à Croácia, não esperava um grande cemitério, mas o de Zagreb, que vocês citaram, tem também uma quantidade de esculturas monumentais e é bem limpo. Barcelona tem um projeto de levar o turista para conhecer o cemitério de Montjuïc, a partir do trabalho de um grupo de especialistas responsáveis pelo estudo de todos os túmulos importantes desse cemitério. Ele é um cartão de visita na



Espanha. Também fiquei encantada com os profissionais que fazem a placa em espanhol, em inglês; não me recordo se a outra língua é francês...

E: Existem esses trabalhos específicos para o cemitério?

MEB: Em Montjuïc, sim. Tem uma equipe que trabalha o cemitério e faz uma série de visitas guiadas. Nessas placas que citei tem o nome do arquiteto, o ano, o estilo, em três idiomas. Você vê que cada lugar do mundo também tem algumas características de sua própria região. É muito comum o jazigo capela na Espanha e Portugal; em outros lugares há muitos monumentos, então você vê as diferenças. Aqui no Brasil, todo mundo fala do Cemitério da Consolação [em São Paulo], do São João Batista no Rio de Janeiro, do cemitério de Belo Horizonte. Mas em São Luís, por exemplo, também tem um que é muito interessante, você vê muito mármore de Carrara. Em Belém, tem o da Soledade, com o mármore de Portugal, e um grau de sofisticação das esculturas. Ele hoje está sendo restaurado, e está bem no centro da cidade, local propício para turismo.

E: Será que tem visita guiada?

MEB: Tinha uma moça que fazia, não sei se ela continua. Agora, é funcionária do Iphan [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]. E tem cidades menores, que também têm essas visitas guiadas, atualmente estão ampliando muito.

E: De cidades menores, tem algum que você recorda?

MEB: A Clarice Ismério faz visitas noturnas e representação teatral dentro do cemitério de Bagé, no Rio Grande do Sul. Escrevi a introdução para o livro dela⁹, e tenho vídeos dessas atividades. Ela trabalha com isso há muito tempo, apresentando conhecimentos da literatura romântica e falando das pessoas que estão enterradas em Bagé. Acredito que visitas guiadas devem ser sempre planejadas. Existem casos de pessoas que colocam 100 visitantes de uma vez, e acho que não é por aí. A visita guiada deve ter um limite de pessoas que consiga absorver o que você está falando, para não virar tumulto.

⁹ Ver: Ismério (2016).



E: Com certeza. Maria, quais são as suas sugestões para quem deseja começar a trilhar pelos estudos cimiteriais ou estudos da morte, nas Humanidades e nas Ciências Sociais?

MEB: Existem ainda muitos cemitérios para serem levantados no Brasil. Muitos, sobretudo no Nordeste e no Norte do Brasil. O Tiago Vargues da Silva e a Mariana Antão de Carvalho Rosa pesquisaram respectivamente o Amapá¹⁰ e os cemitérios mais antigos do Piauí¹¹, para as teses de doutorado no PPGH [da Universidade Federal de Goiás], recentemente. A Mariana pesquisou as lápides das igrejas do Piauí, são poucos estudos a esse respeito. Falta também, por exemplo, levantamentos sobre cemitérios dos escravizados – dificuldade física mesmo, descobrir onde estão, como chegar lá – além de cemitérios pequenos, atrelados a igrejas. Cemitérios de cidades pequenas também envolvem uma síntese da memória da cidade nesses espaços. Na Bahia, por exemplo, existem cursos de História profissionalizantes – já li duas teses – em que fizeram o levantamento de cemitérios de cidade pequena, para levar esse conhecimento para a escola, para a criança saber que o cemitério guarda a memória da sua cidade. Não importa se tem escultura chique e sofisticada ou não. O importante é que ali tem a história das pessoas que fizeram aquela cidade.

E: Para finalizar, e pensando agora a partir de todos os trabalhos que você orientou acerca de cemitério e morte, você considera que continua aprendendo a partir das trocas com seus orientandos e suas orientandas?

MEB: Nossa, e como! Você dá um encaminhamento, mas é ele que vai lá, que faz o levantamento, pesquisa. Orientar mestrado e doutorado é muito gratificante para o professor, quando o assunto tem a ver com os interesses dele, porque ele aprende junto. Fred, você lembra do teu personagem lá, no Mestrado¹²? No início, não sabia nada dele, de repente foi localizando material e, até hoje, tem outras questões que não foram respondidas.

E: Com certeza, além de pensar o que já foi encontrado, por outros ângulos. Maria, novamente, agradecemos pela entrevista e seguimos à disposição.

¹⁰ Ver: Silva (2024).

¹¹ Ver: Rosa (2025).

¹² Ver: Gondim (2021).



Referências

Andrade, Danusa Balthazar de & Carneiro, Maristela. “Mortes que não importam”: a omissão do Estado e o uso político da dor animal no ativismo digital brasileiro. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, n. 2, 2025.

Borges, Maria Elizia Borges. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): Italian Marble Carver Craft in Ribeirão Preto. 2ª Ed. - Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

Borges, Maria Elizia & Carneiro, Maristela. A estatuária funerária no Brasil: um olhar indagador sobre as imagens de Jesus Cristo nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, n. 27, p. 151-170, 2017.

Borges, Maria Elizia. **Um passeio pelos cemitérios do Brasil**. Ilustrações de Semíramis Paterno. Ribeirão Preto: Semi Artes e Edições, 2022.

Carneiro, Maristela & Galeno, Alex (Orgs.). **Animais não humanos**: poéticas e devires. Cuiabá: Paruna Editora, 2024.

Gondim, Frederico Tadeu. **A suástica de João Jessl**: memória e imaginário no Cemitério São Miguel da cidade de Goiás. 2021. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2021.

Ismério, Clarisse. **Sarau Noturno**. Lisboa: Editora Chiado, 2016.

Rosa, Mariana Antão de Carvalho **Sacrários da saudade**: arte funerária, memória e sensibilidades nas igrejas e cemitérios do Piauí (1854-1954). Tese (Doutorado em História) - Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2025.

Santos, Alcineia Rodrigues. Entrevista com a professora Maria Elizia Borges. **Revista Inter-legere**, n. 12, p. 15-26, 2013.

Silva, Tiago Vargues da. **Cemitérios Amazônicos**: um estudo sobre os espaços funerários do Estado do Amapá - Séculos XX-XXI. Tese (Doutorado em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

Submetido em: 10 de outubro de 2025

Avaliado em: 13 de outubro de 2025

Aceito em: XX de XX de 202X